

Alfonsín quer reduzir a tensão com os credores

Hugo Martinez, de Buenos Aires.

A semana que começou ontem será pródiga em novidades sobre o refinanciamento da dívida externa argentina e em acontecimentos destinados a respaldar o governo em suas negociações.

O presidente Raúl Alfonsín retomou ontem o tratamento da inquietante questão e, durante mais de uma hora, se reuniu com o titular do Clube de Paris, Michel Candessus, entidade que reúne os governos aos quais a Argentina deve US\$ 6,2 bilhões.

Na parte da manhã, o mandatário preparou o discurso que pronunciará na sexta-feira, durante uma concentração convocada pela Coordenação das Juventudes Políticas, sob o lema "Contra a usura internacional e em defesa dos povos devedores".

Partiram para Cartagena na noite de ontem os ministros da Economia, Bernardo Grinspún, e de Relações Exteriores, Dante Caputo, a fim de assistir à reunião das nações devedoras do Continente.

Pouco antes de subir ao avião, o chanceler Dante Caputo disse ao JT, falando do aeroporto, por telefone, que a Argentina irá à reunião com o espírito de "não dramatizar a situação nem dar um passo mais largo do que se possa". O que se pode interpretar como uma decisão da administração Alfonsín de não aprofundar as tensões que gerou com o Fundo Monetário Internacional, ao exigir que não seja pressionada com receitas recesivas para renegociar seu passivo.

As relações com o FMI continuam no centro da atenção dos observadores do processo de renegociação. O ministro Grinspún se mostrou visivelmente irritado, ontem, quando, depois da reunião mantida com o presidente do Clube de Paris, teve conhecimento de uma versão surgida em meios oficiais, de que o acordo com o FMI só seria conseguido no fim do ano. "Também se poderia ter dito que só haverá acordo no próximo ano. Isso é um disparate. O processo segue seu curso e, muito antes do que afirmam essas versões, teremos uma definição do assunto", disse Grinspún.

O eventual acordo com o FMI foi o tema principal de que trataram ontem, alternativamente, o presidente e Grinspún, com o titular do Clube de Paris. O hermetismo oficial argentino e do organismo internacional impediram saber com exatidão o conteúdo das entrevistas. Apesar disso, algumas fontes destacaram ao JT que Candessus insistiu na necessidade de Buenos Aires chegar a um pronto acordo com o FMI, para poder renegociar a dívida com o Clube de Paris.

O presidente Alfonsín pensa fazer valer suas excelentes relações com a social-democracia européia para que o Clube de Paris ceda em suas pretensões. O plano tem escassas margens para o êxito, pois, recentemente, tanto o ministro da Economia da Espanha, Miguel Boyer, como funcionários do governo François Mitterrand insistiram na necessidade de que a Argentina consiga um acordo com o FMI, antes de renegociar.

O presidente da Federação de Bancos Cooperativos da Argentina e assessor de Alfonsín em assuntos financeiros, Alfredo Ferro, afirmou ontem que, caso haja uma ruptura com o FMI, "todo o país deve formar fileiras com o governo". Essa será a posição que, na sexta-feira, milhares de jovens, pertencentes a todas as forças políticas argentinas, prometerão ao governo, numa concentração "contra a usura internacional" e em defesa dos endividados, cuja realização recebeu estímulo oficial.

Enquanto isso, na Basileia, Suíça, o titular do Banco Central da República Argentina, Enrique García Vázquez, declarou que o governo "espera alcançar logo um acordo com o FMI, mas que esse organismo deve compreender que Alfonsín não pode renunciar ao aumento dos salários dos operários".

Assim, entre mobilizações, negociações diretas com os credores, manifestações em que se cruzam expressões duras com outras mais flexíveis, e contatos permanentes com outras nações endividadas, caminha neste momento o tratamento da difícil situação financeira externa da Argentina.

Os negociadores argentinos insistem em desligar seus créditos e suas dívidas das cláusulas que condicionam todos os trâmites a compromissos prévios com o FMI, que lhe outorgam caráter de síndico obrigatório.

Os europeus, sob a pressão do atlantismo, exercida pelos EUA, sofrem o encarceramento de seus créditos norte-americanos e a sangria de capitais de investimento. Ao mesmo tempo se mostraram dóceis às posições de Ronald Reagan na reunião de Londres.

Fontes da imprensa argentina insistem que Candessus veio a Buenos Aires para pressionar as autoridades por um acordo acelerado com o FMI. Contudo, altas fontes do Ministério da Economia deram uma versão mais otimista e este correspondente: o Clube de Paris está interessado em chegar a um acordo com a Argentina e não exige nenhum acerto prévio com o FMI.

Em Buenos Aires, foi recebida com satisfação a afirmação do presidente do First Boston International, Pedro Pablo Kuczynski, de que as elevadas taxas de juros norte-americanas tornam "insustentáveis" as políticas austeras, como meio de resolver o problema de endividamento. "Não beneficia a ninguém que o paciente morra a caminho do hospital. A alta das taxas deixa os países moribundos, antes que possam chegar à sala de operações", disse Kuczynski.